

ESTUDO DO SUFIXO -ÃO: VALORES SEMÂNTICOS E PROPOSTA GENEALÓGICA

SANTOS¹, Alice Pereira

RESUMO: *É sabido que o sufixo -ão é o principal formador de aumentativos em Língua Portuguesa, sendo este um dos seus principais valores semânticos. Assim, muitas vezes, são deixados em segundo plano os demais sentidos que esse morfema pode atribuir a bases a que se une. A intenção desse trabalho não se restringe ao estudo da formação de aumentativos, suas regularidades e idiossincrasias. Pretende-se trazer à luz os significados do sufixo -ão, geralmente, esquecidos quando este é estudado. Serão analisadas as palavras sufixadas com -ão arroladas no Dicionário Houaiss, do qual também se extrairão as acepções, datação e informações etimológicas. Os vocábulos serão analisados de acordo com o valor semântico do morfema, isto é, interessa o significado que o -ão confere à base. Após a verificação dos significados desse morfema, será feita uma proposta genealógica, que tentará explicar o desenvolvimento e a evolução dos valores semânticos no decorrer do tempo.*

PALAVRAS-CHAVE: Sufixo; Valor semântico; Genealogia; Diacronia.

INTRODUÇÃO

É inegável que o aumentativo é a principal função do sufixo *-ão*. No entanto, este afixo é mais complexo, podendo apresentar diferentes significados e traços avaliativos (positivos e negativos). Basta fazer um rápido e pequeno inventário das palavras sufixadas em *-ão* para verificar esse fato. O vocábulo *chorão*, por exemplo, não designa aumentativo e sim denota valor semântico *agentivo*, podendo ser interpretado como “aquele que chora muito”. Também não podem ser lidas como aumentativos as palavras da seqüência: *cidadão* (habitante da cidade), *brigão* (que ou quem tende a se

¹ Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.
Rua Toledo, 25, Vila Santa Maria. Cep 06856-770. Itapeverica da Serra-São Paulo. Brasil.
alicesantos@usp.br

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

envolver em brigas), *rasgão* (ato ou efeito de rasgar), *folião* (que ou aquele que participa de folias), *coimbrão* (relativo a Coimbra ou o que é seu natural ou habitante).

Interessa saber, pois, se os valores semânticos apontados acima seriam fruto da polissemia do sufixo, que ao longo do tempo foi incorporando esses significados em português, ou se indicariam uma possível homonímia do *-ão*. Ou seja, o afixo pode apresentar a mesma forma gráfica e fônica, sincronicamente, porém, se filia a origens distintas. Isso explicaria a presença de significados tão diversificados.

Antes de dar continuidade à análise, é necessário esclarecer alguns pontos metodológicos nos quais esta pesquisa se circunscreve. Este estudo se apóia em pesquisas de cunho diacrônico sem, contudo, esquecer de questões sincrônicas importantes. Isso significa que a presente pesquisa busca dados históricos que ajudam a explicar o processo de formação dessas palavras, bem como auxiliam a elucidar alguns significados adquiridos pelo sufixo ao longo do tempo.

Como se sabe, o produto conseguido pelo processo derivativo reflete os significados da base e do afixo utilizado. Assim, há que se considerar três seguimentos de significado: base, afixo e produto (palavra derivada). Importa analisar, nesse estudo, o valor semântico do sufixo em questão. Por isso, os significados que sejam resultado de processos semânticos (metáfora, metonímia, elipse etc), os quais tem como ponto de partida a palavra já derivada, não são o objetivo desse trabalho, muito embora, pontos como esses serão comentados ao longo do trabalho. Assim em *peixão*, por exemplo, o valor semântico que será considerado e analisado é “*peixe grande*” e não o significado “*mulher bonita e de corpo exuberante*”.

Outra preocupação desse estudo é quanto à descrição dos processos morfológicos em conformidade com a datação da base e da palavra derivada. Esse

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

procedimento é importante para que não se crie interpretações indevidas, falseando, assim, o processo e percurso derivativo. Se se tomar o vocábulo *mandrião*, que possui datação precisa - 1716, vê-se que é possível construir “*aquele que mandria*”. Porém, o verbo *mandriar* está datado em 1789, assim como outras palavras de mesma raiz, *mândria* (1881) e *mandriice* (1817-1819), possuem datações posteriores a *mandrião*. Sendo assim, é possível que esta palavra tenha vindo de outra língua e, em seguida, dado origem às outras, ou ainda ter sido formada no português e, posteriormente, ter derivado as demais.

ORIGEM DO SUFIXO –ÃO

O sufixo *-ão*, de acordo com Said Ali (1964: 56), originou-se a partir dos substantivos terminados em *-o*, acusativo *-onem*. Essa formação, usada geralmente na linguagem familiar, prestava-se a fazer referência a pessoas, individualizando-as, ressaltando uma característica ou um traço marcante. O estudioso Tekavičić (1980: 192-193) foi mais específico ao afirmar que a individualização conseguida com o emprego desse morfema, geralmente, tomava como base uma parte do corpo ou um hábito comum. Assim, a idéia de grandeza já estaria presente nesse tipo de formação.

No *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Nunes (1945) separa os sufixos de acordo com sua proveniência entre latinos e não latinos, dividindo-os também segundo a classe gramatical. Esse autor apresenta o *-ão* em duas seções, uma dedicada aos aumentativos e outra dedicada aos adjetivos, embora reconheça que este

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

afixo também forme substantivos. Ao primeiro associa o étimo *-onem* e ao segundo *-anu*.

Joseph Huber, em sua Gramática do Português Antigo (1933: 272-274), adota o mesmo procedimento, separando o sufixo conforme sua origem. Remonta de *-anu* > *-ão* ou *-am*, associando a idéia de pertença e dá como exemplos desse caso as palavras: *vilão* e *solorgião*. A partir de *-one* forma *-on* e aponta, além de seu valor aumentativo, o significado essencialmente pejorativo desse elemento formativo, visto nas palavras: *citolon* (citola/ cítara desafinada) e *jograron* (um mau jogar/jogral).

Esse morfema deixou herança fértil nas românicas, aparecendo no espanhol (*-ón*), catalão (*-ón*), francês (*-on*) e italiano (*-one*), alterando um pouco os valores semânticos a ele associados. Alvar e Pottier (1983: 375-376) apontam que, por ter o *-ão* um caráter individualizador, podendo ser valorativo ou depreciativo², em algumas línguas pode formar o diminutivo. Isso ocorre no francês, catalão e alto aragonês.

Rio-Torto (1998: 163) indica que o valor diminutivo também aparece no português, dando continuidade a um valor primitivo do *-onem* latino, como em *cordão*, por exemplo. Mas ressalta que, em grande parte dos casos, essa noção não é, sincronicamente, muito transparente. Em outros casos, as palavras apresentam significados bastante específicos, por isso também não possuem grande produtividade.

Nunes (1945: 394) chama a atenção também para o fato de, muitas vezes, a idéia de grandeza culminar no significado de posse. Isso aproxima o *-ão* do sufixo *-udo*, o qual também apresentando essa noção de posse; deposita um traço aumentativo e se associa a partes do corpo. Assim, *barbarão* designa “*indivíduo que tem barba vasta*”.

² Esses valores (positivo/ negativo) certamente devem variar por influência dos significados dados pela base da palavra derivada.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

Já em *memorião*, há além do valor de posse, o traço melhorativo associado à palavra, significando “*indivíduo que tem boa memória*”.

ANÁLISE DOS DADOS

Tomou-se como base inicial para o estudo dos derivados em *-ão*, os verbetes do Dicionário Eletrônico Houaiss. A busca foi feita a partir de palavras que possuíssem esta terminação. As palavras analisadas passaram por uma seleção, em que o filtro se baseava na frequência de uso. Assim, fazem parte do *corpus* desse estudo parte dos verbetes derivados em *-ão* do Dicionário Houaiss³ que apresentam maior frequência de uso⁴. Essas palavras foram analisadas quanto ao valor semântico agregado pelo sufixo. Os significados que apresentam maior regularidade foram divididos em grupos, que serão apresentados a seguir.

GRUPOS SEMÂNTICOS

A. Ação ou Resultado de ação

Nesse grupo constam as paráfrases para *nomina actionis* das quais se encontram: “o fato de X^v”, “ação de X^v”, “processo de X^v”, “golpe praticado com X”, “golpe praticado em X”. Aqui cabem vocábulos como: *esticão, beliscão, pregão, rasgão, arranhão, rebelião, união, abanão, raspão, estirão, encontrão, pisão, fartão, puxão, cachação e estremeção*. Muitas dessas palavras podem ser interpretadas tanto como o nome da ação

³ Diz-se alguns verbetes do Dicionário, já que a análise das palavras terminadas em *-ão* não foi concluída

⁴ A frequência de uso foi media por meio de pesquisas realizadas em sites de busca escritos em português.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

quanto o resultado dessa ação, sobrepondo esses significados, como se pode ver na definição de *beliscão*, *rasgão* e *raspão*, por exemplo. São todas descritas como “ação ou efeito de X”.

É interessante comentar também que esses valores aparecem em grande quantidade no Dicionário Houaiss, porém, após a seleção feita a partir da frequência de uso, restaram menos 20 vocábulos. Por isso, a fim de realizar comparações com estudos a respeito do elemento formativo *-ão*, em alguns momentos, serão tomados como exemplos vocábulos que estão ausentes da lista dos mais frequentes, já que os estudos existentes não fazem esse tipo de seleção.

Os *nominas actionis* são descritos por Rio-Torto como *heterocategoriais*, pois a partir de bases verbais formam substantivos. Ela os descreve como deverbais que nominalizam o evento, ação ou processo. Essa análise parece caber nos dados analisados, ainda que em alguns casos o dicionário aponte a derivação a partir de bases substantivas, como ocorre em *arrancão* (*arranco* + *-ão*). Desse modo, o sufixo não teria se unido a uma base verbal, mas a um substantivo deverbal. Nesse caso, seria possível resolver a dúvida considerando a datação das palavras, mas *arrancão* é umas das muitas palavras do dicionário que não possuem abonação.

No entanto, nos casos em que o sufixo apresenta valor de golpe “*golpe praticado em X*”, em que X é a base, a qual se refere à parte do corpo, a origem deverbal não procede. Podem ser citados como exemplares desse fato as palavras: *canelão*, *pesçoção*, *cachação*. Desse modo, não se pode afirmar que o produto dessas derivações seja *heterocategorial*, visto que não há mudança da categoria gramatical em relação à base.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

B. Agentivo

Estão presentes aqui as paráfrases “(pessoa) que X^v”, “pessoa que V X”, “pessoa que gosta de V X”, “(pessoa) que exerce atividade relacionada com X” e “(pessoa) que V em X”. Podem integrar esse grupo as seguintes palavras: *babão, gabão, mandão, cagão, brigão, brincalhão, ganhão, guardião, cirurgião, folião, espião, fujão, tecelão, chorão, beberrão, descalção e rezão*.

Aqui também há a descrição do processo de mudança de categoria gramatical, já que o sufixo se liga a bases verbais, formando adjetivos ou substantivos. A idéia central contida nessas palavras é a de uma ação que é praticada (com freqüência) por uma pessoa.

No livro *Morfologia Portuguesa*, de José Lemos Monteiro, é possível encontrar uma observação interessante a respeito do aparecimento dos *elementos de ligações* que estão presentes em algumas das formações desse grupo. Ele chama atenção para o fato de os verbos de primeira conjugação dispensarem tais elementos, enquanto outros verbos tornam esses recursos quase obrigatório. Pode-se concordar em parte com essa afirmação, já que isso ocorre em *beberrão* e *tecelão*, por exemplo. Porém, *fujão* escapa a esta “regra”, já que não utiliza nenhum *elemento de ligação*. Assim como *brincalhão*, foge aos casos padrões. Assim, o que parece acontecer de fato, nos casos de utilização de *elementos de ligação*, é a manutenção da vogal que forma o tema verbal das palavras-base.

C. Aumentativo

Entram nesse conjunto as formações mais comuns do sufixo: *lobão, macacão, facão, barracão, bicão, bocão, mundão, fundão, brejão, salão, bundão, paredão, telão e panelão*. No caso do aumentativo, é comum se sobrepõem outros valores semânticos,

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

como o valor de intensidade ou como os avaliativos (melhorativos e pejorativos). Há casos em que esses valores apresentam-se separadamente do aumentativo, como se verá a seguir, ao se analisar os avaliativos e ao se estudar o valor de intensidade (Grupo H).

D. Avaliativos

Aqui serão analisadas as palavras que desenvolvem os significados avaliativos de forma separada de outros valores semânticos. Incluem-se traços positivos e negativos que sejam atribuídos essencialmente pelo sufixo.

Podem-se citar como exemplos de *melhorativos* os vocábulos: *vidão*, *fardão*, *vinhão* e *mestrão*. Em *vidão*, a idéia não é a de “*vida grande*” e sim, de uma “*boa vida*”; *fardão* designa uma “*farda suntuosa, com valor simbólico*”; já *vinhão* se refere a um “*vinho encorpado, forte, de boa qualidade*” e em *mestrão*, tem-se a remissão à palavra *mestraço*, a qual significa “*mestre muito destro; indivíduo exímio em seu ofício*”.

Por sua vez, pode-se ver o significado pejorativo nas seguintes palavras: *santalhão* “*que ou aquele que simula pureza, santidade; falso beato*”, *vinagrão* “*vinagre de má qualidade*”, *marçagão* “*o mês de março, quando o tempo é feio, e a temperatura, desagradável*”. Deve-se ressaltar que em algumas palavras esses valores podem variar de acordo com o contexto em que são utilizados. Assim, por questões pragmáticas, algumas palavras podem ser interpretadas como *melhortativas* ou *pejorativas*. São exemplos disso: *sabichão*, *machão*, *bonzão*, *mulherão* etc. Ullmann nomeia esses casos de *termos médios* e os define: “*palavras que são intrinsecamente neutros e que terão uma aceção favorável ou desfavorável de acordo com o seu contexto*”.

O desenvolvimento dos valores avaliativos despertou desde sempre a atenção dos pesquisadores, principalmente nos estudos semânticos. Alguns dos primeiros semanticistas, como aponta Ullmann, chegavam a considerar que os valores pejorativos

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

seriam uma tendência fundamental da língua, “*um sintoma de uma veia pessimista na mente humana*”. Afirmção rebatida por Breál o qual acreditava que esta tendência refletia uma característica bastante humana - a de disfarçar idéias desagradáveis, isto é, a tendência de amenizar as idéias para não chocar.

E. Coletivo/Conjunto

Destinado aos coletivos e outros *nomina quantitatis* “conjunto de X”, “quantidade de X”. Esse grupo é bastante reduzido, encontrando-se aqui apenas duas palavras: *areão* e *varjão*. Deve-se ressaltar ainda que em ambas as palavras a definição dada pelo dicionário apresenta sinônimos formados a partir de outros sufixos com a mesma função – formadores de coletivo. Aponta-se como alternativa, *areal* e *vargedo*, respectivamente.

O sufixo *-al* é reconhecidamente tido como coletivo em língua portuguesa, visto nas palavras: *algodoal, arrozal, bambual, bananal, batatal, cafezal, canavial, jabuticabal, laranjal, mangueiral, milharal, roseiral, seringal* etc. Já o sufixo *-edo* é menos comum e frequente como se pode verificar em: *arvoredo, castanhedo, figueiredo, folhedo, passaredo, vinhedo* etc.

F. Diminutivo

Apesar de parecer contraditório, o *-ão*, o qual é o principal formador de aumentativo, possui alguns casos em que denota valor semântico de diminutivo. Assim como foi visto acima, o valor semântico ou traço de diminutivo também viria da noção individualizadora que teria originado o aumentativo. Iserem-se neste grupo: *pontilhão* e *esquadrão, cordão*. No caso dos dois últimos exemplos o traço diminutivo está implícito na acepção do verbete. Em *esquadrão*, há a descrição “*menor que esquadra*”.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

Em *cordão*, palavra de origem francesa, ocorre uma modificação em relação a língua de origem. Em francês designava “*pequena porção de corda*”. Mas em português essa idéia não aparece. Tem-se a noção de que esse objeto é menor que uma corda. Atualmente, o sentido mais comum desse vocábulo (*corrente que se usa no pescoço*), deixa sua formação um tanto opaca.

A formação de *pontilhão* como diminutiva pode ser explicada pela presença do sufixo *-lhão*, já que este proveio do latim *-icula*, usado, predominantemente, como diminutivo nesta língua. Em português essa idéia permanece em algumas palavras: *casquilha, cigarrilha, estampilha, pacotilho* etc.

G. Gentílico

A paráfrase adotada nesse caso é “que é originário/proveniente de X”. São exemplos dessa função os vocábulos: *vascão, catalão, vilão, letão, serrão, coimbrão, bretão, valão, aldeão, teutão* e *istevão*. Esse valor também aparece em grande quantidade nos verbetes do dicionário, porém, não parece ser muito freqüente. Isso pode ser explicado pelo fato de haver muitos sufixos concorrentes nesta mesma função, como os afixos *-eiro, -eno, -ês, -ita, -ino, -ano, -ense*.

Vale destacar a transformação semântica ocorrida na palavra *vilão*, que também possui outros significados, em sua maioria, portadores de traços pejorativos, entre os quais se destaca: *que ou aquele que é indigno, abjeto, desprezível; que é rudimentar, rústico, sem arte; que é descortês, grosseiro; de aparência desagradável; feio, disforme, o personagem que representa o lado mau, nas peças teatrais, novelas e filmes*. Esta última acepção é a mais comum desse vocábulo e acaba por obscurecer o sentido do sufixo.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

Ullmann descreve essa transformação e afirma que isto se deve a preconceitos sociais que incidem em algumas classes ou ocupações. Esse preconceito acaba por contaminar o significado da palavra. O estudioso lembra que do latim *villanus*, formou-se *vilain* (servo) e *villain* (vilão) em inglês. Já em francês moderno formou *vilain* (feio, vil, desagradável.)

H. Intensidade

Muitas vezes, o valor de intensidade acumula-se ao valor de aumentativo, como se viu no grupo dos aumentativos. No entanto, inserem-se aqui palavras que apresentam apenas o traço de intensidade em relação à base. Estão nesse grupo: *azulão* (tom forte de azul), *calorão* (calor intenso), *alegrão* (alegria intensa, profunda), *bastão* (muito basto; espesso, denso, abundante) e *pancadão* (pancada violenta).

I. Instrumento

Este é um grupo parecido com os *Agentivos*, no entanto, nesses casos, prevalece o traço [- humano], usado para designar “instrumento (com) que (se) X^v”, “instrumento (com) que (se) V o X”. Podem-se citar: *picão*, *esfregão* e *pilão*. Distingue-se dos agentivos pelo traço [+ humano] nele depositado.

J. “Macho de X”

Esse grupo é bastante reduzido, entretanto chama a atenção pela transformação que obteve em português como se verá na Seção 4.1. Os vocábulos deste grupo podem ser lidos pela paráfrase que dá nome ao grupo “macho de X”, de que são exemplo *perdigão*, *cabrão*, *lebrão*.

K. Nomina Essendi

Para abstratos formados a partir de paráfrase como “que é X”, o fato de ser X”, “propriedade de ser X” ou para modais do tipo “que pode X”, “que deve ser X”, “que

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

pode ser X”. Nesse conjunto tem-se: *caladão, parадão, doidão, vermelhão, solteirão, bonitão, valentão, gostosão, gordão e pobretão*.

Esses casos são denominados por Rio-Torto como *isocategoriais*, pois não alteram a classe gramatical da base da palavra. No caso dos dois primeiros exemplos citados a base não é *calar* e *parar*, e sim *calado* e *parado*, respectivamente.

L. Sem Alteração Semântica

Aqui entram palavras que, após o processo derivativo, não apresentam modificação de seu significado em relação à base. Muito possivelmente a derivação seria recurso expressivo tão somente. Fazem parte desse grupo: *peladão, fuscão, jeitão, supetão, e trairão*. No caso de *peladão*, por exemplo, o significado da base não permite a intensificação, aumento ou gradação. Assim, não há muito ou pouco *pelado*. Já *fuscão*, designa o nome de um veículo, assim como o diminutivo, *fusquinha*.

M. Outros Casos

Agrupam-se aqui palavras que apresentam divergências de datação em relação à palavra-base⁵ e vocábulos os quais a paráfrase não é possível, uma vez que a derivação não é mais sentida como tal, tornando-se opaca. São exemplos do primeiro caso as seguintes palavras: *malhão* e *trancão*. Do segundo conjunto tem-se: *sermão, artesão, charlatão, carvão e capitão*.

PROPOSTA DE GENEALOGIA

Descrição dos Significados ao longo dos séculos

⁵ Vide *mandrião*, exemplo da Seção 1.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

A palavra mais antiga que possui o afixo *-ão*, em português, é *barão*, datada em 870. Essa palavra, nesta língua, apresenta significados bastante diferentes dos encontrados em latim, ao se consultar o Dicionário Gaffiot.

No Dicionário Houaiss tem-se a seguinte definição: 1- *senhor de terras subordinado diretamente ao rei ou a um grande feudatário*; 2- *título imediatamente inferior ao de visconde, e o menos graduado na hierarquia nobiliárquico*. Este dicionário também traz, como significados antigos, as acepções: “*homem esforçado, valoroso; varão*”, *homem poderoso e notável pelo valor, pela posição e/ou pela riqueza*”. Todos os significados com valor positivo.

Já no Dicionário Gaffiot, encontra-se a definição muito distinta para *baro, onis*. Nesta obra, constam as acepções: 1- *balourd, lourdaud*, 2- *mercenaire*⁶. Isso indicaria que essa palavra sofreu transformações semânticas, mudando o traço avaliativo, passando de *pejorativo* para *melhorativo*.

No entanto, ao consultar o *Vocabulário Português e Latino* de Rafael Bluteau, encontram-se significados parecidos com o do português atual. Nele há citações de trechos em latim que, de acordo com o autor, também refletiriam os mesmos significados positivos. Apenas em umas das passagens admite um valor pejorativo ao vocábulo, quando mostra a palavra sendo utilizada em sentido irônico em uma antífrase. Nesse caso, o autor interpreta a palavra como *filósofo tolo, fátuo, efeminado*.

Assim, o significado do sufixo não é muito claro, além disso, a palavra não tem uma origem transparente. O próprio Bluteau aponta cinco origens possíveis, indicando três raízes quando considerar a provável origem Hebráica: *bar* (limpo de sangue), *bara* (criar), *barach* (escolher); a raiz *baros* (grave, sólido) quando aponta a filiação grega;

⁶ Desajeitado, pessoa vagarosa e desastrada; mercenário, interesseiro

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

baro (homem principal), quando associa o étimo ao latim e, finalmente, relaciona a palavra a raiz espanhola *varon*.

Seguindo o percurso histórico tem-se a palavra *falcão* (926) de *falco*, *-onis* e esta de *falz*, *cis* (foice, podão). Nesta palavra é possível perceber a função individualizadora, conseguida por meio de comparação, já que falcão é uma ave que apresenta um bico semelhante à foice ou afiado como este instrumento. Entretanto, no português essa idéia, assim como a formação tornou-se opaca.

No século X foram encontradas outras palavras em que o sufixo está presente como *quinhão* (933); *saião* (999); *malhão* (982), mas o significado que o morfema atribui não se apresenta de forma clara no português atual. No caso desta última palavra, há uma inadequação em relação às datas fornecidas pelo dicionário. O Houaiss afirma que este vocábulo teria sido formado a partir da base *malho*, contudo a esta é datada apenas no século XV. Em *quinhão* que viria de *quínio, ónis* (reunião de cinco), não se vê mais o significado de origem, designando *aquilo que cabe ou deveria caber a uma pessoa*. Já em *saião* (*sagio, ónis*), os significados são semelhantes, apontando, em ambos os casos, para um oficial de justiça.

No século XI encontraram-se os vocábulos *ladrão* (1059), *borrão* (1050) e *leitão* (1059). As duas últimas palavras teriam sido formadas no português, a partir das bases *borra* e *leite*. Entretanto, novamente há discordância entre as datas da palavra base e da derivada, fornecidas pelo dicionário Houaiss. Ao consultar a etimologia das bases observa-se que ambas são formas latinas, que passaram ao português. Além disso, o derivado *borrão* forma-se a partir de um significado que a base possuía em latim: *coisa suja, escura, sem limpidez*.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

Desse modo, analisando o significado da base e da palavra derivada, percebe-se que o sufixo não modifica o significado da palavra, já que ambas descrevem sujeira ou tipo de macha. Em *leitão*, a formação desperta a atenção, pois parece ter apresentado, no início o valor semântico de *agentivo*, uma vez eu o termo é definido como *porco novo, especialmente até a etapa de desenvolvimento em que deixa de mamar*, isto é, a palavra pode ser lida como “aquele que v X”.

Já *ladrão*, vem da palavra latina *latro, onis* que designava os soldados mercenários e já nesta língua significava bandido, salteador. Nesse vocábulo também é possível entrever o valor *agentivo*, principalmente, se se considerar que em grego havia *láthrâi*, que significa *às escondidas*, termo que teria vindo do verbo *lanthánó* (estar oculto). Por esta hipótese poder-se-ia interpretar o vocábulo também com a paráfrase “aquele que V x”.

No século XII, aparecem em português os significados de *intensidade* (fundão, 1149) e *nomina actionis* (pregão, 1152), que existiam em latim. Chama atenção a diferença de significado encontrada no último dos exemplos dados. A palavra *pregão* que atualmente se refere à ação de pregar (ato ou efeito de apregoar; reclamo, preconício), no latim *praeco,ónis* designava o *pregoeiro público, arauto, o que proclama, anuncia ou diz em público*; possuindo, assim, valor semântico *agentivo*.

Aparece também neste século a palavra *cabrão* (1141), de *capro, onis*, que em latim funcionava como aumentativo, mas em português designa o *macho da cabra*. Sandmann (1989:33-34) aponta que a língua portuguesa tem uma tendência de formar aumentativos masculinos de substantivos femininos. Ele acredita que “*isso se deve provavelmente à idéia de que o masculino se presta melhor para a expressão do que é*

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

grande e forte.” Talvez essa tendência quanto ao gênero, possa explicar essa mudança no valor semântico dessa palavra que interfere no sexo.

Vale destacar que, em espanhol, *perdigón* designa *filhote de perdiz*, assim como *anadón* (filhote de pato), *ansarón* (filhote de ganso), indicado resquícios do valor diminutivo do sufixo. Assim, em português a transformação se deu pela idéia de que traços de grandeza/intensidade/força estão mais ligados à figura masculina, modificando o significado “X grande” para “macho de X”. Já em espanhol a noção de pequenez do sufixo levaria a outra interpretação semântica, passando de “X pequeno” para “filhote de X”.

O valor aumentativo aparecerá em português no século XIII nas palavras, *cebolão* (1258), *rolão* (1265), *tampão*, *bolsão* e *cabeção*⁷. Neste século também surge o significado *gentílico*, observado na palavra *bretão*, a qual se originou de *britones*. No século seguinte encontra-se o significado de *instrumento* verificado na palavra *picão* (instrumento pontiagudo com que se lavra a pedra), datada em 1364.

O valor semântico de ação que apareceu já no século XII com a palavra *pregão*, acima citada, aparece no século XV associada à idéia de *resultado* na palavra *rebelião*, cuja aceção seria: *ato de ou efeito de rebelar(-se)*. Neste século também é possível encontrar o valor semântico de *conjunto*, o qual não é muito produtivo com esse sufixo. Em *plumão* verifica-se esse significado na aceção dada pelo dicionário: *penacho de plumas*.

O século XVI revela novos significados do sufixo *-ão*, em português. Como se viu o valor semântico de diminutivo já está presente em latim, entretanto em português aparece apenas no século XVI, com a palavra *esquadrão*, a qual vem do italiano

⁷ Nesses casos as datas não são especificadas, aparece apenas o século.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

squadrone. Deve-se ressaltar que esta palavra não é diminutivo de *esquadra* e sim, denota algo menor, isto é: *grupamento de navios de guerra, geralmente do mesmo tipo e classe, porém menor que a esquadra*.

Nesse século também aparece o significado de *nomina essendi*, porém as palavras encontradas apresentam incongruências em relação à datação ou à forma. As palavras *frieirão; mansarrão; folgazão; moucarrão*, as quais poderiam ser interpretadas pela paráfrase “*que é x*” ou “*que é muito x*”, possuem além do sufixo *-ão*, outros elementos formativos. Assim, não se pode atribuir este significado ao afixo *-ão*. Em *folgazão* (1560) o problema se refere à datação. Esta palavra teria sido formada a partir de *folgaz* + *-ão*, no entanto, a base é datada em 1817. Assim, esse valor semântico será indicado no século XVII em que as formações são mais claras. Os vocábulos *velhacão e ignorantão* são exemplos desse caso.

O significado de posse aparece no século XIX, em 1805, como se pode verificar na aceção do verbete *memorião* (aquele que tem boa memória). Deve-se ressaltar que nesta palavra também há o traço avaliativo, denotando aspecto positivo. Esse significado já aparece em latim na palavra *pedo, onis* (aquele que tem pés grandes), no entanto, a passagem desse vocábulo para o português modificou o significado da palavra, que passou a designar valor *agentivo*, como se viu acima.

Os traços avaliativos aparecem desde sempre no português associados a outros significados. No século XV há *terrão* que pode se referir a uma *terra grande* ou a um *terreno de boa qualidade*. No século seguinte há *rapagão, carão, carrão*, as quais admitem os mesmos valores - *aumentativo e melhorativo*.

No século XVII, temos *mocetão e moçalhão*, as quais apresentam além do sufixo *-ão*, outros elementos formativos. Chama a atenção o fato de esses elementos terem

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

originalmente um significado de diminutivo: *-et*, *-alh*. Nos séculos XIX e XX concentram-se a maioria dos casos de avaliativos de que são exemplos as palavras apresentadas na Seção D.

Partindo dos valores semânticos admitidos por *-onem* e *-anus* no latim que passaram ao português, tentar-se-á delinear o desenvolvimento dos significados do sufixo *-ão* nesta língua.

A Figura 1 descreve o desenvolvimento semântico do sufixo no português e suas relações com os significados encontrados no latim. A cor verde se refere aos valores que já existiam nesta língua e, em azul, aqueles que se desenvolveram posteriormente no português.

Como se viu, no século X, há o valor semântico de *semelhança* (individualizador). Esse significado parece ter dado origem aos valores de *intensidade*, *aumentativo*, *diminutivo*, *posse* e “*macho de x*”. Desses, apenas o último não estava disponível no latim. A individualização é feita com base em uma característica, de um objeto ou indivíduo, que se destaca, pelo excesso ou pela falta, trazendo à luz as noções de *aumentativo* e *diminutivo*. O significado de *posse* identifica-se também como a individualização, já que ao indicar que “alguém ou algo tem/possui X”, consegue-se especificar, particularizar determinado indivíduo.

Também é possível que a individualização seja feita de acordo com uma ação feita repetidamente/ freqüentemente por alguém, o que origina o valor *agentivo*. A idéia de *intensidade* está contida, em ambos os casos, seja apontando características que se destacam, seja apontando ações. O desenvolvimento do valor “*macho de X*”, como se viu teria surgido da idéia de aumento. No entanto, esse valor aparece apenas em português e é anterior ao surgimento do significado de *aumentativo* nesta língua. Por

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

esse motivo, filia-se esse significado também a individualização, visto que essa noção abrange os significados acima comentados, inclusive, o *aumentativo*.

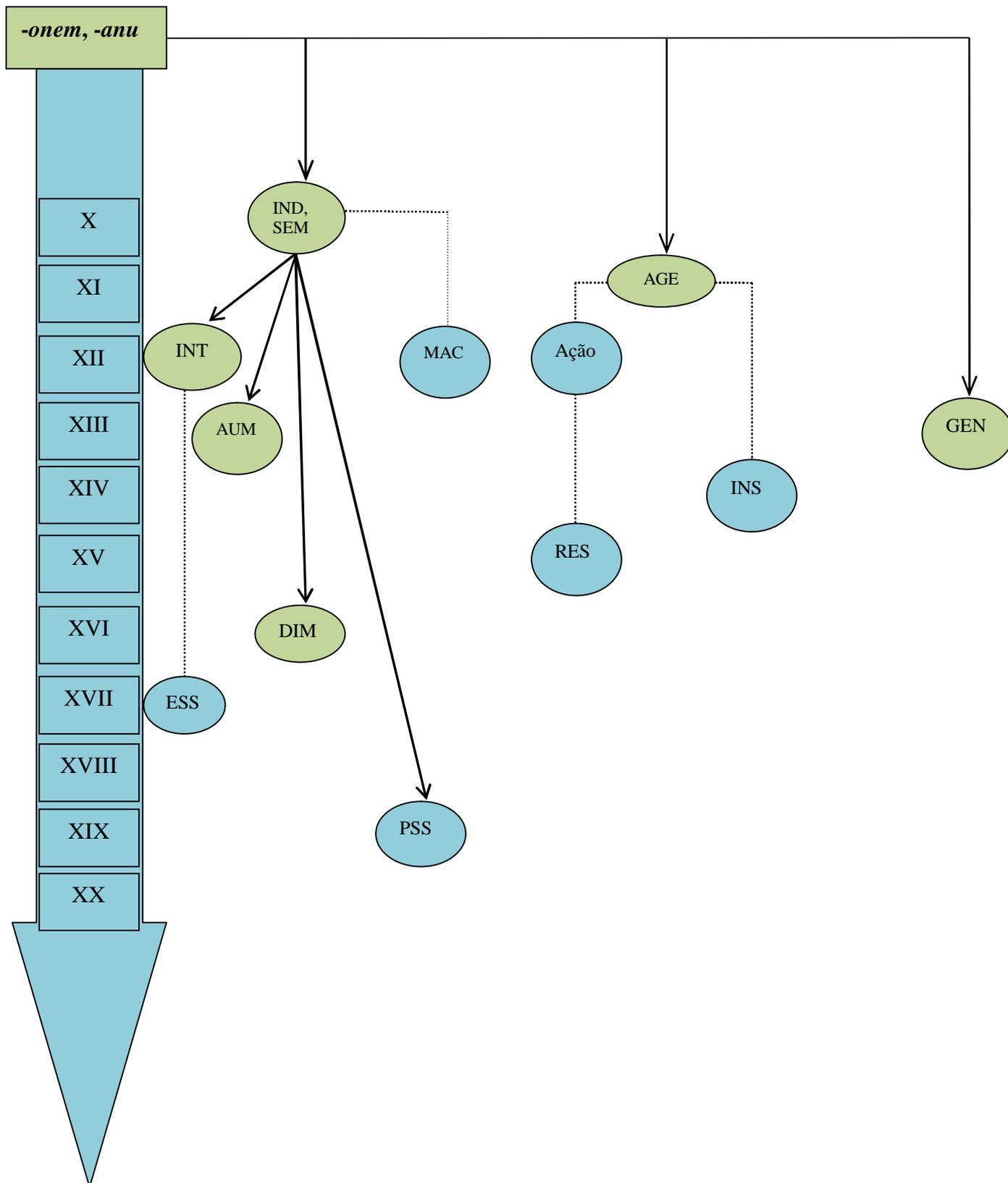


Figura 1- Proposta de Genealogia

Como mostra a figura o valor de *agentivo* pode ter dado origem aos valores de *instrumento*, *ação* e *resultado de ação*. Essa sequência respeita o surgimento desses valores no português. Na passagem de *agentivo* para valor de instrumento muda-se o traço [+humano] para [- humano]. Os significados de ação e resultado de ação mostram-se também ligados, já que o primeiro designa o nome da ação e o segundo o efeito causado por ela. Além disso, vale lembrar que, muitas vezes o mesmo vocábulo pode apresentar, ao mesmo tempo, esses dois significados.

O valor semântico de *gentílico*, já existente no latim, não é muito produtivo no português atual. Isso pode se dever ao fato de o português dispor de outros sufixos para expressarem essa mesma noção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo como foi visto ao logo deste estudo, o sufixo *-ão*, apresenta vários significados (*ação*, *agentivo*, *diminutivo*, *intensidade*, *coletivo*, *instrumento*, *gentílico* e *nomina essendi*), e não deve, portanto, ser resumido em uma única função - a de *aumentativo-*, ainda que esta seja sua função mais produtiva. Além dos valores semânticos desempenhados por este sufixo, há ainda traços que dão nuances a esses significados, como os de *intensidade*, *melhorativo* e *pejorativo*. Ocorre também, algumas vezes, de esses traços aparecem de forma absoluta, ou seja, independentes dos outros significados.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^a João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLG 53 – Morfologia histórica do Português.

Viu-se que a diversidade semântica desse elemento formativo se deve ao fato de haver, pelo menos, dois sufixos com a mesma estrutura formal, o que caracteriza a homonímia. As formas que teriam originado o *-ão* atual seriam: *-onem* e *-anu*. Apesar de muitos estudiosos filiarem a primeira forma aos aumentativos e ao valor de ação e a segunda aos gentílicos e aos valores relacionais, percebeu-se que essas formas acabaram por se influenciar mutuamente, gerando polissemia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAR, Manuel; **POTTIER**, Bernard. *Morfologia Histórica Del Español*. Madrid: Gredos, 1983.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

HOUAISS, Antonio; **VILLAR**, Mauro. *Dicionário eletrônico da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUBER, Joseph. *Gramática do Português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica*. Lisboa: Clássica, 1945.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia Derivacional*. Coimbra: Porto Ed., 1998.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SANDMANN, Antonio José. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor: ícone Editora, 1989.

TEKAVIČIĆ, Pavão. *Gramática stórica dell' italiano*. Bologna: Il mulino, 1980. 3 vol.